



A VIDA EM UM BAÚ: A VIDA DE MULHERES DESCENDENTES DE IMIGRANTES ALEMÃES NO SUL NO BRASIL

LIFE IN A TRUNK: THE LIVES OF WOMEN DESCENDED FROM GERMAN IMMIGRANTS IN THE SOUTH OF BRAZIL

Marcia Blasi*

Resumo: Este artigo busca, através da história de vida de uma mulher descendente de imigrantes alemães no sul do Brasil, evidenciar como a cultura, as tradições e a religiosidade moldaram as identidades e os papéis sociais das mulheres nas colônias rurais, onde o trabalho braçal era essencial para a sobrevivência. Através de um estudo de caso, o artigo discute a divisão sexual do trabalho, o controle patriarcal sobre o corpo das mulheres, e o papel delas na educação e vida comunitária, ilustrando como a religiosidade e cultura influenciaram suas vidas. Analisa ainda como as experiências dessas mulheres foram moldadas por desafios e conquistas dentro de um contexto patriarcal, revelando a importância de historiografar suas vivências para construir uma compreensão justa e inclusiva da sociedade e da história luterana no Brasil.

Palavras-chave: História de vida. Mulheres. Presença luterana.

Abstract: This article seeks, through the life story of a woman descended from German immigrants in southern Brazil, to highlight how culture, traditions and religiosity shaped the identities and social roles of women in rural colonies, where manual work was essential for survival. Through a case study, the article discusses the sexual division of labor, patriarchal control over women's bodies, and the role of women in education and community life, illustrating how religiosity and culture influenced their lives. It also analyzes how women's experiences were shaped by challenges and achievements within a patriarchal context, revealing the importance of historiography of their experiences to build a fair and inclusive understanding of Lutheran history in Brazil.

Keywords: Life story. Women. Lutheran presence.

* Dra. em Teologia pelo PPG da Faculdades EST, professora da Faculdades EST e Executiva do Programa de Justiça de Gênero da Federação Luterana Mundial. E-mail: retalhos13@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No ano de 2024, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil comemora os 200 anos de presença luterana em solo brasileiro. É momento oportuno para recordar trajetórias e refletir sobre o papel e a vivência de mulheres como parte dessa história. Este artigo busca, através da história de vida de uma mulher descendente de imigrantes alemães, evidenciar como a cultura, as tradições e a religiosidade influenciaram a vida das mulheres, marcando suas trajetórias e vivências.

A história de mulheres na imigração europeia ao Brasil é diversa, multifacetada e marcada por vivências e interações pessoais, familiares e contextuais. Essas experiências são permeadas por desafios e violências, mas também conquistas que aconteceram dentro do contexto patriarcal no qual viviam. Por meio de relatos pessoais e leitura dos contextos históricos, é possível entender a complexidade dessas vivências e a contribuição das mulheres para a construção da identidade luterana no Brasil. Neste artigo, defendo a tese de que há grande necessidade de historiografar as vivências das mulheres para construir uma compreensão justa, mais verídica e mais inclusiva da história e da sociedade.

A HISTÓRIA DELA

Era uma bonita noite de verão. Os pássaros se recolhiam nas árvores. Entre um chimarrão e outro, ela fazia um guardanapo de crochê. As mãos magras seguravam a agulha com agilidade e dedicação. Depois de um dia de inúmeras tarefas, ela finalmente podia fazer o que gostava.

No seu quarto havia uma máquina de costura, um armário, uma cama e um baú. O baú era bonito, de madeira, cheios de mistérios porque estava sempre chaveado. Quando perguntada sobre o que guardava lá dentro, a resposta era sempre a mesma: “Minha vida!”

Ela cresceu no interior do estado do Rio Grande do Sul, em uma família descendente de imigrantes alemães de confissão luterana. Desde muito pequena trabalhou nos cuidados da casa e dos animais e trabalhou na roça. Em casa e com a vizinhança o idioma falado era o *Hunsrickisch*. Na escola comunitária aprendeu o básico: ler, escrever e fazer contas, além do catecismo (Catecismo Menor, de Martinho Lutero). Quando ainda era bastante jovem, a mãe adoeceu e faleceu. Em virtude disso, o pai a



proibiu de pensar em relacionamentos amorosos. Sua obrigação seria cuidar dele até a morte.

Participava nos cultos sempre que possível. Mais tarde, também foi autorizada a participar das reuniões da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas¹, mesmo sendo uma mulher solteira. Abriu-se para ela uma exceção, pois a OASE era uma organização para mulheres casadas!

Trabalhava na roça, na casa e depois ainda nos cuidados com o pai adoecido. Quando o pai faleceu, já não estava mais em “idade de se casar” e, assim, foi levada para morar na casa de sua tia. Mais uma vez, sua vida se resumia a trabalhar na roça, cuidar da casa, cozinhar, lavar e cuidar da tia enferma.

Por volta dos trinta anos, precisou retirar um cisto no ovário. O médico decidiu ali, na mesa de operação, após consultar rapidamente o irmão, retirar útero, ovários, trompas. Somente ao acordar da anestesia ela foi informada. Afinal, para que iria precisar de útero? Nunca se casaria mesmo! Seu destino foi determinado, de maneira irreversível, pelos homens à sua volta.

Poucos anos depois, um nódulo apareceu no seio. Para não incomodar mais, e porque não tinha marido, retiraram o seio por completo. Jamais foi consultada sobre nada disso e nem pode tomar decisão alguma. Recebia a notícia ao acordar da anestesia. Não podia reclamar. Pelo contrário, esperava-se dela profunda gratidão, pois haviam feito o melhor por ela.

Assim, de casa em casa, ela trabalhou duro. Cuidou de crianças que não eram suas, cozinhou em cozinhas de outras pessoas, lavou, costurou, foi para a roça. Nos poucos momentos de folga, na calada da noite, tricotava ou fazia crochê. Não recebeu salário nem participação nos lucros, só trabalho e algum dinheirinho de bolso que ela recebia por causa da “bondade” da família onde trabalhava.

Após a morte de sua tia, ela foi morar com o irmão mais velho. Mais uma vez, outra casa que não era sua, uma rotina familiar onde nunca pode decidir sobre o que realmente queria. Para que tivesse algum dinheiro, o irmão tratou de conseguir para ela a aposentadoria. Finalmente ela recebeu seu primeiro dinheiro!

¹ A OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, trata-se de uma Associação de grupos de mulheres vinculadas às comunidades da IECLB, que tem sua origem no ano 1899 e que conta com mais de trinta mil mulheres luteranas.



Morou com o irmão e a cunhada em torno de 30 anos. Trabalhou duro, cuidou das filhas e filhos das sobrinhas, do jardim, da casa. Era caprichosa e prezava por uma casa limpa e em ordem. Testemunhou a doença e a morte do irmão. Cumpriu a promessa de ficar com a cunhada até a morte dela. Faleceu aos 90 anos, 7 meses depois da cunhada.

Seu nome era Elzira. Nunca teve sua casa, sua família, não teve direito de tomar decisões sobre seu corpo e sua vida. Por vezes, era amarga e impaciente, mas na maioria do tempo, era quieta, prestativa, gentil. Foi uma mulher criativa, generosa, trabalhadora explorada, uma mulher que guardou a vida e os sonhos em um baú. Com as mãos ativas, tricotava ou fazia crochês elaborados, presentes e peças para os bazares da OASE.

Após sua morte, o baú finalmente foi aberto. Nele foram encontrados guardanapos bordados para uma casa que nunca teve, um *Wandshonen* que nunca colocou na parede, um sutiã com bojo somente em um lado, fotos de sobrinhas, afilhadas, presentes que ganhou e guardou cuidadosamente ao longo da vida. No baú estavam ainda presentes para as pessoas que amava: guardanapos de crochê.

A *Sira tante*, foi minha tia-avó. Sua história não é única nem universal, mas um recorte que evidencia como a cultura, as tradições e a religião marcaram e continuam marcando a vida das mulheres de diferentes gerações nesses 200 anos de imigração alemã no sul do Brasil².

VIDA NA COLÔNIA

As propriedades rurais onde se estabeleceram famílias de imigrantes e seus descendentes eram denominadas de colônias. Ali, o trabalho braçal era uma realidade diária e dele dependia a sobrevivência familiar. As mulheres trabalhavam lado a lado com os homens na roça e no cuidado dos animais, e desde muito cedo, crianças acompanhavam o pai e a mãe nas tarefas a serem executadas.

O trabalho doméstico, os cuidados com a casa, o jardim, a horta, o cuidado de crianças, pessoas doentes e idosas, era trabalho exclusivo das mulheres sendo pouco

² A cultura, as tradições e a religião marcam a vida das pessoas que emigram, as descendentes e o contexto que as recebe ou acolhe. Este artigo não generaliza as histórias de todas as mulheres, mas valoriza ao mesmo tempo a experiência individual inserida num modelo patriarcal que afeta todas as vidas, com similaridades e diferenças.



ou nada compartilhado³ com os homens. Mesmo representando muito trabalho, essa prática era naturalizada -trabalho de mulher- e ainda se tornava fonte de orgulho. “Essa responsabilidade é oriunda da divisão sexual do trabalho, segundo a qual cabe às mulheres, além de todo o trabalho desempenhado com os homens, o trabalho de cuidado das crianças, pessoas idosas, entre outras.”⁴

O capricho das mulheres era também fonte de comentários. Após as lidas diárias, e geralmente antes de dormir, as mulheres tricotavam as roupas para o inverno, bordavam os guardanapos para enfeitar a casa, costuravam as roupas da família ou faziam a interminável tarefa de remendar as roupas.

O trabalho manual fazia parte do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas. Além de trazer conforto à família no espaço da casa, tal atividade também oferecia uma satisfação pessoal. Chamou-me atenção, na pesquisa a respeito, que não há menção frequente na história da imigração alemã aos trabalhos manuais desenvolvidos pelas mulheres...⁵

No caso de Elzira, o exercício de poder dentro do lar, ou mesmo nos negócios familiares, não existiu. Ela estava sempre na cozinha de outra mulher e seguindo as regras da dona da casa. Essa era “sua missão de vida” e sua “alegria”. Se a mulher casada era o pontinho da balança, aquela figura decisiva na tomada de decisões, como afirma Scheila dos Santos Dreher em recém-publicada obra⁶, a mulher solteira era um pontinho que nunca teve lugar na balança.

Além disso, as dificuldades com a língua portuguesa isolavam as mulheres, ainda mais do que os homens, do contato com outros grupos étnicos. Na família e contexto de Elzira, a linguagem utilizada na vivência familiar e comunitária era o Hunsrück, língua germânica trazida por imigrantes e que desenvolveu características próprias no

³ Essa realidade perdura até hoje. Segundo o relatório “Tempo De cuidar: O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade”, as mulheres são responsáveis por mais de três quartos do trabalho de cuidado não remunerado e formam dois terços da força de trabalho de cuidado remunerado. OXFAM Brasil. **Tempo de cuidar: O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade**. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/download/12180/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

⁴ BLASI, Marcia; BRUN, Marcia. Mulheres luteranas escrevem suas histórias de vida. In: BLASI, Marcia et al (org.). **Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe** -FLM. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. p. 182.

⁵ DREHER, Scheila dos Santos. A contribuição de mulheres teuto-brasileiras evangélicas na sociedade do sul do Brasil e nas comunidades ético-confessionais. In: BLASI, Marcia et al (org.). **Mulheres fazem teologia: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe** -FLM. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018. p. 164.

⁶ DREHER, Scheila dos Santos. **As Mulheres na imigração: uma história de fé, desafios e criatividade**. São Leopoldo: Sinodal, 2024.



sul do Brasil. Ainda hoje é falada em círculos familiares e comunitários, sendo língua cooficial em alguns municípios dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O uso do Hunsrük garantia, de certa forma, proteção contra o mundo “lá fora” e, ao mesmo tempo, distanciamento de outras pessoas e culturas.

Aspecto importante que precisa ser destacado é a preocupação das famílias com a educação. Como princípio luterano, a educação - também de meninas, era encorajada e esperada. Assim foi com Elzira. Ela frequentou a escola comunitária e ali aprendeu a ler, escrever, fazer contas, tudo através do idioma alemão. Essa prática mudou totalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando o idioma alemão foi proibido no Brasil e obrigou as famílias na colônia a aprenderem a língua portuguesa.

Para a geração de Elzira, e no local onde ela vivia, trabalho remunerado para a mulher era uma possibilidade bastante remota. Mesmo sendo possível, e de direito, ela sentia vergonha de reivindicar algo em benefício próprio, especialmente de seus familiares. Como tantas outras mulheres, inclusive hoje, Elzira aprendeu que deveria servir a família e agradecer a “bondade” de quem a acolhia, e jamais reclamar.

Em minha tese de doutoramento, procuro estabelecer a diferença entre culpa e vergonha. Culpa é um sentimento de ter feito algo errado. Vergonha é mais profundo. Vergonha é o peso existencial de “ser” errada. Por tudo a que fora submetida em sua vida, poderia sugerir que Elzira vivia constantemente em situação de vergonha.

A vergonha é um sentimento de ter algo errado com seu próprio ser, um sentimento de ser responsável por tudo de errado que acontece consigo mesma e com as outras pessoas. [...] Vergonha é, primeiramente, medo da perda de vínculo com outras pessoas.⁷

PATRIARCADO E CONTROLE SOBRE O CORPO DAS MULHERES

A vida de Elzira foi amplamente controlada por figuras masculinas, primeiramente seu pai e, depois, seu irmão. Sua autonomia foi restringida, tanto em termos de decisões pessoais quanto relacionadas a seu próprio corpo. Esta forma de poder exercido sobre as mulheres no patriarcado se revela e fortalece no controle sobre

⁷ BLASI, Marcia. **Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista.** 2017. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. p. 31-32.



os corpos das mulheres. No caso de Elzira, “O controle do corpo era a condição para não se ‘perder’”⁸

As relações de gênero e, especificamente, entre os sexos no grupo étnico teuto-luterano, aconteciam dentro de uma cultura patriarcal na qual prevalecia, salvo exceções, a autoridade do homem/marido/pai/chefe de família no âmbito das relações familiares e, especialmente, nos espaços públicos (possíveis).⁹

Nas sociedades, culturas e religiosidades patriarcais, o valor e o reconhecimento de uma mulher são frequentemente definidos em relação aos homens em sua vida: a mulher é reconhecida e nominada como “filha de”, “irmã de”, “esposa de”, “mãe de”, “avó de”, “viúva de”. O percurso “natural” e esperado para uma mulher é sair da casa do pai para a casa do marido, através do casamento.

Mulheres solteiras¹⁰ no contexto da colônia, eram vistas simultaneamente como um fardo, mesmo sendo importantes para a família em diferentes aspectos. Elas representavam um fardo porque dependiam da família para lhes oferecer abrigo e sustento, especialmente em caso de doença. Por outro lado, uma mulher solteira com saúde e capacidade de trabalho significava também um recurso valioso. Ela representava mão de obra importante nos afazeres domésticos, no trabalho agrícola, no trato dos animais, nos cuidados com pessoas doentes, parturientes e bebês recém-nascidos. E o melhor, ela estava disponível sempre que fosse necessário, como era esperado de Elzira. Embora tendo um papel muito importante na economia e bem-estar familiar, dificilmente esse aspecto era reconhecido ou motivo de gratidão.

CONFSSIONALIDADE EVANGÉLICO LUTERANA

Como herdeiras da Reforma Protestante do séc. XVI, as mulheres tiveram um papel fundamental na vivência e no ensino da fé luterana dentro de casa. Os ensinamentos bíblicos, confessionais e morais faziam parte da educação recebida no lar. Os *Wandschoner*, como aquele encontrado no baú de Elzira, eram pendurados

⁸ BLASI; BRUN, 2018, p. 180.

⁹ DREHER, 2024, p. 165.

¹⁰ Pesquisas e escritos que evidenciam e visibilizam o papel da mulher solteira na economia e cultura familiar precisam ser incentivados.

geralmente na cozinha e faziam parte dos ensinamentos da tradição, religiosidade e cultura¹¹.

A prática de certa escrita feminina, feita letra por letra pela agulha com coloridas linhas de bordar, ocorria na confecção dos panos de parede (Wandschoner) que serviam de adorno para a casa. Ornados com motivos diversos, os panos de parede tinham no seu centro um ditado ou um aforismo que veiculava normas e valores relativos ao comportamento, à religião, às relações interpessoais, ao trabalho, aos afetos, entre outros. Por meio da escolha dos temas a figurarem nos panos de parede, a mulher 'escrevia' as suas normas que deveriam reger o lar e os relacionamentos nele efetivados. Ao serem colocados nas paredes, estes panos, com suas normas bordadas, podiam ser visualizados e lidos por todos os frequentadores das dependências da casa, visibilidade essa que também atuava como uma forma de afirmação e (re)atualização de seus sentidos.¹²

Além de terem assumido a transmissão e ensino da fé no contexto familiar, as mulheres foram também essenciais na vida comunitária através da diaconia, da organização das celebrações e das festas comunitárias, nos cuidados com o templo. Por terem sua identidade veiculada ao pai ou marido, os nomes das mulheres raramente constavam nos registros comunitários.

Elzira participou ativamente da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), um grupo destinado inicialmente a mulheres casadas (senhoras). Elzira foi inclusive membra fundadora de um desses grupos, onde contribuía com seus dons, talentos e suas habilidades no trabalho manual.

Em muitas de suas iniciativas, [...] ainda que em espaços públicos, mulheres reproduziram o seu papel de mães por meio da OASE, no âmbito da sociedade eclesial e secular. Simultaneamente, contudo, A OASE se tornou espaço emancipador, porque permitia às mulheres vivências e iniciativas além do espaço privado da casa/propriedade familiar e, nesse sentido, lhes conferia nova identidade, mesmo que não rompendo em definitivo com a cultura patriarcal vigente.¹³

¹¹ Destaco aqui o trabalho realizado pela Pa. Dra. Marli Brun no reconhecimento da arte dos Wandschoner. Veja: BRUN, Marli. **Vidas bordadas**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/0000003d.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

¹² GRÜTZMANN, Imgart. "No feminino..." In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Marin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**: recortes. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2008. p. 78.

¹³ DREHER, 2024, p. 189.



CONSIDERAÇÕES FINAIS – MEMÓRIA E RECONHECIMENTO

A abertura do baú de Elzira após sua morte revelou os sonhos e a vida que ela guardava em segredo. Infelizmente, muitas partes de sua trajetória de vida não ficaram registradas. Dificilmente falava sobre o que gostaria de ter feito na vida, e muito pouco compartilhou sobre suas dores e seus desejos. Narrar sua história, mesmo que de forma abreviada e incompleta, e talvez com até algumas imprecisões, evidencia a contribuição que ela teve nos círculos familiares onde viveu.

Narrar as histórias de vida e recuperar memórias é parte importante da metodologia da teologia feminista¹⁴. Essa prática não apenas preserva as experiências das mulheres, mas também as reconhece como fontes legítimas de conhecimento e sabedoria. As histórias de vida, muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas dominantes, revelam as lutas, resistências e conquistas das mulheres em diversos contextos históricos e sociais. Ao trazer à tona essas memórias, criamos espaço para a valorização e o reconhecimento das contribuições das mulheres na construção da sociedade e da igreja.

Assim, ao narrar a história de Elzira, estamos não apenas preservando sua memória, mas também afirmando a importância de reconhecer e valorizar as vidas e contribuições das mulheres em nossas comunidades. Como afirma Renate Gierus,

Resgatar e integrar são verbos que tendem a mostrar que as mulheres ou precisavam ser salvas de alguma situação (resgatar) ou que as mulheres haviam sumido do palco da vida e, conseqüentemente, da história (integrar). No entanto, a clara situação que se apresenta e sob a qual, em parte, se fundamenta a história tradicional, é a da invisibilidade e invisibilização das mulheres na história, ou seja, não precisamos resgatar ou integrar a mulher na história, pois a mulher não parou de agir e de viver em nenhum momento. É preciso, isto sim, historiografar suas experiências de vida, seus cotidianos. Escrever a história de mulheres torna-se a tarefa primordial de historiadoras feministas e da própria história de mulheres.¹⁵

A história de Elzira é um testemunho das complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil. Sua vida revela a influência profunda da cultura, tradições e religiosidade luterana na formação de

¹⁴ Veja DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. *In*: SOTER (org.). **Gênero e teologia**. São Paulo; Belo Horizonte: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003. p. 171-186.

¹⁵ GIERUS, Renate. **Além das grandes águas**: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, 2006. p. 19.



identidades e papéis sociais das mulheres. Embora tenha vivido em um contexto de grandes limitações e de controle patriarcal, Elzira demonstrou resiliência e dedicação ao trabalho e ao cuidado para com as outras pessoas.

Este texto destaca a importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres nas comunidades evangélicas de confissão luterana, não apenas como cuidadoras e trabalhadoras, mas como portadoras de histórias e experiências que moldaram a sociedade. Em comemoração aos 200 anos de presença luterana no Brasil, é essencial resgatar e honrar as histórias de mulheres como Elzira, que, embora muitas vezes invisibilizadas, desempenharam um papel crucial na construção da identidade luterana e na vida comunitária.

Conhecer o passado é um passo importante para os aprendizados necessários; para que injustiças e opressões não se repitam. Fica ainda mais importante tal aprendizagem em época de crescentes neoconservadorismos e de falta de compromisso ético com a verdade. Esse reconhecimento é essencial também para a construção de uma sociedade e igreja justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BLASI, Marcia; BRUN, Marcia. Mulheres luteranas escrevem suas histórias de vida. *In*: BLASI, Marcia *et al* (org.). **Mulheres fazem teologia**: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe -FLM. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.

BLASI, Marcia. **Por uma vida sem vergonha**: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista. 2017. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.

BRUN, Marli. **Vidas bordadas**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/0000003d.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2024.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. *In*: SOTER (org.). **Gênero e teologia**. São Paulo; Belo Horizonte: Paulinas; Loyola; SOTER, 2003. p. 171-186.

DREHER, Scheila dos Santos. A contribuição de mulheres teuto-brasileiras evangélicas na sociedade do sul do Brasil e nas comunidades ético-confessionais. *In*: BLASI, Marcia *et al* (org.). **Mulheres fazem teologia**: rede de mulheres e justiça de gênero da América Latina e Caribe -FLM. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.

DREHER, Scheila dos Santos. **As Mulheres na imigração**: uma história de fé, desafios e criatividade. São Leopoldo: Sinodal, 2024.



GIERUS, Renate. **Além das grandes águas:** mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, 2006.

GRÜTZMANN, Imgart. “No feminino...” *In:* GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Marin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul:** recortes. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2008.

OXFAM Brasil. **Tempo de cuidar:** O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/download/12180/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Recebido em: 09 jul. 2024.

Aceito em: 26 jul. 2024.